AMBIENTE & EDUCAÇÃO
Revista de Educação Ambiental
E-ISSN 2238-5533

Editorial[1]

Letícia Nörnberg Maciel[2]
Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - Brasil
https://orcid.org/0000-0002-1637-0191

Sabrina Meirelles Macedo[3]
Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - Brasil
https://orcid.org/0000-0001-5644-6069

Roberta Avila Pereira[4]
Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - Brasil
https://orcid.org/0000-0002-5360-5148

A edição inaugural, de fluxo contínuo, que abre as publicações da *Revista Ambiente & Educação* do ano de 2026, reúne 21 artigos e pesquisas que reafirmam o compromisso com uma Educação Ambiental crítica, aliada à construção de um projeto de sociedade mais justo e solidário. As reflexões presentes nesta edição, de nº 01 do volume 31, convidam à escuta, ao diálogo e à problematização das múltiplas possibilidades de relação entre seres humanos e natureza, reconhecendo a educação como espaço de resistência, esperança e reinvenção coletiva do mundo.

Estar vivo no planeta atualmente significa enfrentar, de maneira ética e inadiável, os sintomas de um colapso civilizatório e climático sem precedentes. Com

[1] Supervisionado pela editora-chefe Alana das Neves Pedruzzi.

[2] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA/FURG), com mestrado e graduação em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: lnornberg@gmail.com

[3] Doutora em Educação Ambiental (PPGEA/FURG), bolsista CAPES. Mestre em História (PPGH/FURG), com Especialização em História do Rio Grande do Sul pela Universidade Federal do Rio Grande- Furg. Licenciada em História(FURG) e em Pedagogia (UNINTER). Professora substituta no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Riograndense (IFSul). E-mail: smeirelles83@gmail.com

[4] Doutoranda em Educação Ambiental e Mestra em Educação Ambiental (FURG). Bolsista CAPES. Graduada em Pedagogia (FURG). É pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Artes (GEPHEA/UFNT) e do Grupo de Estudos em Filosofias Emergentes (GEFE/FURG).E-mail: robertapereira108@gmail.com

esse cenário posto, a Educação Ambiental nesta edição é compreendida como um território de disputas políticas e epistemológicas. Os artigos que compõem este volume tecem, de forma inequívoca, uma crítica contundente à lógica moderna, que separa o ser humano do ambiente, ao mesmo tempo em que anunciam pedagogias de afeto, escuta, pertencimento e transformação coletiva.

Em meio às incertezas que atravessam o tempo presente, esta edição também se constitui como exercício de esperança coletiva. Esperança, como Paulo Freire (2018) já anunciava, que não é uma espera passiva, mas se constitui como movimento ético e político de criação de outros modos de existência, aprendizagem, ensino e relação. Nas páginas que seguem resumos dos artigos apresentam um panorama das vozes, experiências e reflexões que insistem na possibilidade de reinventar o mundo e de construir horizontes sustentados pela solidariedade e justiça socioambiental.

Salientamos que a capa da edição e imagem é de autoria de Letícia Maciel Nörnberg. A imagem se refere a uma foto dos protestos ocorridos contra a suspensão de 43 decretos de proteção ambiental, registrada em Santiago, no Chile, em 2026.

ARTIGOS

Pricila Fabeni e Fátima Aparecida da Silva Iocca investigam como a Educação ambiental pode integrar conhecimentos ecológicos associados a um córrego em Pontes e Lacerda-MT, em artigo intitulado **A Educação Ambiental na perspectiva interdisciplinar**. Partindo de uma proposta de trabalho integrada entre diferentes áreas do conhecimento - Ciências da Natureza, Ciências Humanas, Matemática e Informática -, o intuito foi analisar como a EA pode contribuir para a apropriação de conceitos da área, por estudantes do Ensino Fundamental. A pesquisa, de abordagem qualitativa, envolveu estudantes do Ensino Fundamental II e professores em um conjunto de atividades que incluiu aplicação de questionários inicial e final, entrevistas com moradores, pesquisa de coordenadas geográficas, seminários, recreios dirigidos, medição da vazão da água e plantio de mudas nas margens do córrego. Os resultados indicam avanços na elaboração conceitual dos estudantes sobre EA, no desenvolvimento de habilidades de pesquisa e na participação ativa em ações voltadas à revitalização do córrego, contribuindo para a construção de atitudes de responsabilidade ecológica.

Em **Estudos Ecológicos e Ambientais em Espaços Urbanos da Cidade de Caruaru-PE: Abordagem Investigativa para Ensinar Biologia**, Weverton da Silva Martins e Antonia Arisdélia Fonseca Matias Aguiar Feitosa, apontam que os espaços urbanos podem ser usados como ambientes educativos no ensino de Biologia com foco na dimensão ambiental. O estudo, realizado com estudantes da educação básica em Caruaru-PE, utilizou ensino híbrido e metodologias ativas para desenvolver consciência socioambiental. Foram abordados temas como desmatamento, saneamento, resíduos sólidos e conservação de áreas verdes urbanas. A pesquisa revelou que essas práticas ajudam a aprofundar conhecimentos ecológicos, incentivam o protagonismo dos estudantes e valorizam o potencial educativo das áreas verdes da cidade.

Refletindo sobre a relação estabelecida entre os povos originários com o território habitado, desde suas próprias perspectivas cosmológicas e xamânicas, Leonardo Leite da Cunha e Gianpaolo Knoller Adomilli, apresentam em, **Os Ijá e as agências no território cosmológico Mbya-Guarani: reflexões junto aos saberes indígenas e às epistemologias ecológicas**, dados etnográficos provenientes de trabalho de campo realizado junto ao povo Mbya-Guarani no ano de 2024. Os estudos enfatizam os espíritos "donos", protetores, da floresta, os Ijá para os Mbya, e as agências desdobradas neste contexto cosmológico e também realizam uma crítica ao colonialismo e capitalismo que cerceiam estes saberes tradicionais, enquanto um conflito socioambiental e cosmológico. Os conceitos que permeiam as epistemologias ecológicas e igualmente os do perspectivismo, e do multinaturalismo, ameríndio, juntamente com as abordagens a partir do referencial de autores indígenas, em especial Mbya-Guarani, contribuem para refletir sobre os temas propostos.

Maria Clara Porfirio Padilha e Rossanna Barbosa Pragana apresentam o projeto "Semeando Consciência", desenvolvido por estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no artigo intitulado **Estratégias Interativas de Educação Ambiental Infantil**. Tal projeto buscou promover a conscientização ambiental em crianças de 7 a 12 anos por meio de atividades lúdicas e oficinas interativas, com o ensino de práticas sustentáveis, fortalecendo a conexão das crianças com o meio ambiente. Os resultados mostraram alto engajamento e boa retenção do aprendizado, destacando a eficácia de metodologias interativas e adaptadas às diferentes faixas etárias na formação de cidadãos conscientes e sustentáveis.

No artigo **Desemparedar para pertencer: natureza, infância e educação ambiental na Educação Infantil**, Bianca Polli Rodrigues e Daiana Camargo propõem uma reflexão sobre a Educação Infantil (EI) destacando a importância de experiências significativas aliadas à Educação Ambiental. De abordagem qualitativa, a pesquisa foi realizada em dois Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI), com o uso de questionário aplicado às docentes, entrevistas com a equipe gestora e observações. As autoras chegaram a dados que revelam que, apesar de as doccentes reconhecerem a importância do contato com a natureza, as práticas ainda ocorrem de forma pontual e pouco intencional, apontando desafios como, a limitação de infraestrutura, ausência de formações continuadas e sobrecarga de trabalho. Pontuam a importância de reconhecer a EA como cotidiano da EI e uma estratégia para desemparedar as crianças e construir vínculos com a natureza.

Fernanda Cristina Sanches-Caneves, Solange Franci Raimundo Yaegashi e Samantha Frohlic apresentam um estudo que visa compreender as representações sociais de docentes em instituições de Ensino Superior do Paraná quanto às ações institucionais voltadas à Educação Ambiental (EA), no artigo intitulado **A Inserção da Educação Ambiental nos Cursos de Secretariado Executivo: Uma análise das Representações Docentes**. As autoras apontaram a falta de estudos que abordam a inserção da EA nos currículos dos cursos de Secretariado Executivo dessas instituições. A pesquisa qualitativa, que contou com a participação de 11 docentes, fundamentou-se na Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, e utilizou entrevistas e análise textual no software IRAMUTEQ para identificar as principais coocorrências nas respostas. Os resultados apontam que, ainda que existam ações pontuais, a inserção da EA em currículos dos cursos ocorre de forma insuficiente.

Em O **Ser e o Fazer "EcoAtivo" em diálogo com a Educação Ambiental** Natália dos Reis Martins, Valéria Augusta Cerqueira de Medeiros Weigel e Carlos Eduardo Arévalo Anzola, abordam as conexões entre o ser humano, a coletividade, a cultura e o ambiente, a partir da concepção do Ser e o Fazer 'Ecoativo'. Os autores propõem que essa abordagem filosófica não se configura como um simples recurso didático de aplicação restrita e verticalizada, mas antes, estimula interações abrangentes e dinâmicas entre o ser humano e o ambiente em sua vida diária, atuando como um "parceiro dialógico" e um meio para "compreender o mundo em ação", conectado à compreensão do "Movimento Humano".

O artigo **Diálogos amazônidos na Amazônia: cosmologias do devir nos livros de literatura infantil em contexto de sala de aula**, é fruto de um projeto de pós-doutoramento que focou-se nas narrativas literárias que possibilitam (ou não) a expressão de identidades indígenas infantis em contextos escolares, com foco para a Educação Infantil. Como corpus de análise para tal reflexão foram escolhidas obras da coletânea do escritor indíegana Daniel Munduruku, a partir da qual Rozane Alonso Alves e José Vicente de Souza Aguiar buscaram articular o campo pós-crítico em Educação, a filosofia da Diferença e perspectivas decoloniais, utilizando uma abordagem qualitativa (Rey, 2005) e a análise de imagens (Schwengber, 2012). Os resultados apontam que as obras de Munduruku, ao tensionarem saberes indígenas e ocidentais, operam como dispositivos de resistência e reinvenção identitária, evidenciando-se como ferramentas pedagógicas potentes.

Joel Costa de Andrade e Leonardo Maciel Moreira analisaram práticas educativas que enfatizam a escuta ativa no trato de questões socioambientais, investigando como as paisagens sonoras são mobilizadas nesse contexto. Como metodologia realizaram um levantamento nas plataformas Google Acadêmico, Periódicos Capes, SciELO, Scopus e Redalyc, o que resultou na seleção e análise de 14 pesquisas empíricas. Em **Da percepção à transformação: uma revisão sistemática das experiências de escuta ativa na Educação Ambiental** os autores apresentam como resultado a sistematização de três dimensões formativas da escuta: a sensível-estética, a científico-analítica e a crítico-política e apontam que a eficácia da Educação Ambiental mediada pelo som reside em ultrapassar a exploração sensorial isolada, promovendo um letramento ecológico capaz de explicitar conflitos territoriais e relações de poder. O estudo ainda indicou lacunas no campo, como a predominância de intervenções pontuais e a rara articulação consistente entre imersão estética e crítica estrutural profunda.

As implicações do modelo capitalista na intensificação da crise climática e da desigualdade socioambiental é o tema de **Crise climática, consumismo e desigualdade socioambiental: a ecopedagogia como caminho para uma educação crítica e sustentável,** no qual Priscila Maria Souza da Silva e Suelen Bomfim Nobre propõem a Ecopedagogia como ferramenta educativa para o desenvolvimento da consciência planetária e do consumo consciente. O ensaio, fundamentado em obras de referência nos campos da Educação Ambiental Crítica, Ecopedagogia e das Ciências Sociais, visa

uma articulação reflexiva entre os autores e conceitos relevantes, a fim de contribuir para o debate acerca da justiça socioambiental e práticas educativas sustentáveis. Como resultados os autores indicam que a Ecopedagogia, pode fortalecer a sensibilização sobre o consumo frente à emergência climática, promovendo uma reflexão crítica por meio de práticas educativas interdisciplinares alinhadas à justiça climática e a superação das desigualdades socioambientais.

No artigo **Abordagem ambiental nas matrizes curriculares dos cursos da área da saúde em uma universidade federal da região sul do Rio Grande do Sul**, as pesquisadoras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) Radmila Gravato Rodrigues, Luíza de Pinho Brechane e Viviane Rodrigues Dorneles analisaram em que proporção e de que forma as questões ambientais são abordadas em disciplinas obrigatórias das matrizes curriculares dos cursos da área da Saúde da UFPel. O estudo foi motivado pela Lei Federal n° 9.795, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental e exige a inserção da temática em todos os níveis de ensino. A metodologia adotada pelas pesquisadoras foi uma pesquisa documental, de natureza qualitativa e exploratória. A coleta de dados foi realizada a partir de informações de matrizes curriculares disponíveis no site da universidade, sendo realizado o levantamento em 22 disciplinas das nove matrizes curriculares de cursos da área da saúde. Os resultados da análise mostraram um número baixo de disciplinas ofertadas relacionadas à temática ambiental se comparado ao total de disciplinas por curso. Apenas duas disciplinas obrigatórias foram identificadas, são elas: Educação Física e Meio Ambiente" e "Ecologia e Saneamento Ambiental". As considerações finais apontam que essa abordagem limitada e pouco estruturada pode gerar lacunas na formação dos estudantes. O estudo concluiu que é necessário fortalecer a inserção estruturada da Educação Ambiental no ensino superior para qualificar a formação profissional e fortalecer o papel social dos futuros profissionais de saúde diante dos desafios socioambientais.

No estudo intitulado **Gestão de resíduos sólidos e educação ambiental: Elaboração de ferramenta pedagógica para a prática da coleta seletiva, os autores** abordam os desafios da má gestão de resíduos sólidos no contexto do crescimento populacional e consumo excessivo. Os pesquisadores Tatiana Ramos Cardozo Molina, Francisco Jácome Gurgel Júnior e Milena de Sousa Nascimento Bento, todos do Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA), ressaltam que a conscientização por meio da Educação Ambiental e da prática da coleta seletiva é crucial para diminuir os impactos

ambientais. O objetivo da pesquisa foi desenvolver e aplicar um guia digital para sensibilizar e engajar estudantes do ensino médio para práticas sustentáveis, avaliando sua eficácia como ferramenta pedagógica. A aplicação e avaliação ocorreram em uma escola estadual no município de Volta Redonda-RJ, envolvendo 45 alunos do Ensino Médio e 11 professores. Os resultados demonstraram ampla aceitação do guia tanto pelos alunos quanto pelos professores. Entre os 45 estudantes, 86,67% classificaram o conteúdo como “muito claro” e 67% afirmaram ter adquirido novos conhecimentos com o guia. Quanto aos docentes, estes destacaram a coerência do guia quanto ao seu objetivo estimular a participação de crianças e adolescentes na coleta seletiva.

No artigo **The children, climate changes and the fairytale... without the fairies: children's perception**, os pesquisadores Liliane Mara Navarro Balcão, Victor Manuel Cardoso Figueiredo Balcão e Marta Maria Duarte Carvalho Vila buscam compreender a percepção de alunos do ensino fundamental de uma escola municipal sobre as mudanças climáticas. A pesquisa, de natureza qualitativa e descritiva, aplicou um questionário a 118 estudantes de 8 a 11 anos do município de Jundiaí, São Paulo. Os resultados indicaram que, embora todos os alunos se preocupem com o planeta, eles manifestam concepções errôneas generalizadas sobre poluição e meio ambiente. Por exemplo, uma porcentagem significativa (27,1%) não sabe o destino do lixo produzido, enquanto 36,4% acredita que não produz lixo. A maioria identifica indústrias e "todas as pessoas" como as principais causas de poluição, e 88,1% acreditam que a produção de plástico polui mais do que a de carne e vestuário. Nas considerações finais, os autores apontam que a compreensão da crise ambiental por parte das crianças é fragmentada e superficial, revelando que a Educação Ambiental praticada falhou em superar o senso comum e em conectar eventos locais a fenômenos globais e sistêmicos. A metáfora do “conto de fadas” é utilizada como uma analogia ao fato de que as crianças que participaram do estudo parecem estar numa "bolha", protegidas da realidade catastrófica das mudanças climáticas, o que as deixa despreparadas para atuar como agentes de transformação. Eles concluem, que não basta simplesmente ensinar como separar o lixo, é preciso promover uma EA crítica, interdisciplinar e contínua que aborde as causas antropogênicas das mudanças climáticas e suas complexas consequências sociais e biológicas.

O artigo escrito por Laila Mayara Drebes e Geovane Bezerra de Sousa, intitulado **Conhecimentos e usos de plantas medicinais em escola do campo na**

Amazônia brasileira, se propôs a analisar os conhecimentos da comunidade escolar sobre plantas medicinais e seus usos na Casa Familiar Rural Dorothy Stang, em Anapu, Pará. A pesquisa foi conduzida de março de 2022 a fevereiro de 2023, com turmas de primeiro, segundo e terceiro ano do curso Técnico em Agropecuária concomitante ao Ensino Médio, totalizando 35 estudantes com idades entre 14 e 18 anos. Foi aplicado um questionário de 15 perguntas aos estudantes e suas famílias, focado nos conhecimentos populares sobre as plantas medicinais e seus usos. Os resultados indicaram que todas as famílias sabiam o que eram plantas medicinais e 97,14% as utilizavam. No total, 29 tipos de plantas foram citados, com boldo, capim-santo, mastruz, alho e gengibre sendo os mais frequentes. Os conhecimentos e usos das plantas medicinais pelas famílias integram a sua memória biocultural. Os autores concluem, portanto, que incluir as plantas medicinais no processo de formação escolar é fundamental para estimular a passagem de seus conhecimentos e usos entre as gerações, preservando essa memória.

O artigo **Avaliação dos conhecimentos socioambientais: Ensino Fundamental em Barreirinhas/MA**, desenvolvido pelos pesquisadores Jarlene Passos de França e Patrício Câmara Araújo, teve como objetivo analisar como os alunos do 9º ano da rede municipal percebem e aplicam a Educação Ambiental em seu dia a dia. Foram aplicados questionários a 228 estudantes do 9º ano do ensino fundamental e nove professores da rede pública. Os resultados do questionário indicaram que a maioria dos estudantes demonstra possuir conhecimento sobre a temática ambiental e está sensibilizada para atitudes de proteção ambiental no dia a dia. No entanto, há desafios tanto na aplicação prática desses conhecimentos por parte de alguns alunos quanto na necessidade de aprimorar as estratégias pedagógicas de apoio aos professores. Cabe destacar que, ao contrário das orientações nacionais que defendem a EA como um eixo transversal e articulado a diferentes áreas do conhecimento, o município de Barreirinhas/MA a implementou como uma disciplina isolada por meio da Lei nº 724/2015, o que, segundo os autores, poderia restringir sua aplicabilidade prática e seu potencial formativo. O estudo concluiu que é necessário que as escolas continuem planejando e ampliando em didáticas inovadoras, com atividades práticas interdisciplinares.

No artigo intitulado **O calendário tradicional terena e seu potencial para o ensino de educação ambiental e justiça climática**, desenvolvido pelos pesquisadores Elisangela Castedo Maria Nascimento, Heitor Queiroz de Medeiros e Sônia Regina

Soares Marques Delfino, são apresentados os resultados de uma pesquisa pós-doutoral que teve como objetivo compreender como as mudanças climáticas afetam a vida do povo indígena Terena, bem como verificar de que maneira o calendário tradicional dos Terena da Aldeia Lagoinha no Município de Aquidauana em Mato Grosso do Sul pode contribuir com as práticas pedagógicas possíveis para o ensino de Educação Ambiental e Justiça Climática a partir de uma perspectiva decolonial. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, ancorada no método da história oral, empregando a entrevista não estruturada como principal ferramenta de coleta de dados. Foram entrevistados anciãos, professores e cacique. Um ponto particularmente interessante do estudo revela a profundidade do conhecimento tradicional Terena sobre a natureza e a previsão do tempo. Os anciãos orientavam suas atividades pelo ciclo lunar, estações do ano e comportamento de animais. Por exemplo, o ancião Lourenço Moreira mencionou que, ao encontrar no meio da mata uma "carreira de formigas carregando folhas", é um sinal de que "vai chover bastante". Com base nesta percepção de conexão e respeito pela natureza, a pesquisa produziu a cartilha Educação Ambiental e Justiça Climática com o calendário tradicional sobre caça, pesca, coleta e agricultura em seu interior.

O artigo **A Agenda 2030 e o silêncio que fala mais alto nas escolas: percepções de familiares de estudantes do ensino fundamental II sobre os impactos socioambientais da mineração em Brumadinho (MG)** investigou as percepções de familiares de estudantes do ensino fundamental II, juntamente com alunos e professores, sobre os impactos da mineração no município de Brumadinho Minas Gerais, à luz da Agenda 2030 e da relevância da Educação Ambiental na sociedade contemporânea. O objetivo central foi apresentar parte da investigação, analisando as opiniões dos participantes sobre as práticas ambientais desenvolvidas pelo município, a compreensão da mudança climática e do rompimento da barragem da Vale em 2019. Os autores Erika Helen Dias, Alexandre Tourino Mendonça e Letícia Rodriguez da Fonseca partem da premissa de que as novas perspectivas da Educação Ambiental estão atreladas aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e à necessidade de construir uma mentalidade mais crítica sobre o uso dos recursos naturais, que abranja também os conflitos sociais oriundos da má distribuição das riquezas. Os dados foram coletados por meio da distribuição de um questionário semiestruturado com 10 questões fechadas e uma questão aberta discursiva sobre o rompimento da barragem. A aplicação foi feita com 121 participantes, compostos por 57 alunos do Ensino Fundamental II, 57

familiares e 7 professores. Os resultados indicam que os participantes não demonstraram uma percepção crítica robusta sobre as consequências da mineração para a cidade, conhecimento absoluto da Agenda 2030, nem consciência da necessidade e urgência de ações ambientais a serem desenvolvidas pelo poder público. Apesar disso, observou-se uma compreensão crítica, ainda que heterogênea, sobre os impactos da mineração, destacando preocupações com a qualidade ambiental, riscos à saúde e insegurança na gestão territorial. Os autores destacaram, ainda, o contraste entre a degradação ambiental e a dependência econômica do município: apesar de a mineração representar cerca de 60% da arrecadação de Brumadinho e as mineradoras pagarem altos valores pela exploração, aproximadamente 33% da população ainda vive com menos de meio salário-mínimo, ilustrando que a acumulação de capital é priorizada em detrimento da proteção humana e da superação das injustiças sociais.

No artigo **Adesão ao Saneamento Básico: O uso do instrumento da Educação Socioambiental**, os autores Elissandro de Sousa Gomes, Lívia Alves de Souza e Leidy Dayane de Abreu avaliaram a implementação e adesão ao saneamento básico por meio da Educação Socioambiental no município de Sobral, Ceará. O estudo demonstrou o sucesso das ações de mobilização, com o esforço coletivo para a realização de ligações prediais superando a meta inicial de 11.000 unidades e alcançando mais de 16.800 execuções. Destaca-se que havia uma resistência inicial de parte da população em aderir às ligações intradomiciliares. Essa resistência estava associada à carência de entendimento e ao receio de prejuízos na estética predial, o que fez com que as ações de Educação Socioambiental tivessem que focar em abordagens simplificadas para promover a mudança de atitudes e percepções. Os autores concluíram que a participação e a adesão da população são um elemento decisivo para a efetividade e sustentabilidade das políticas de saneamento básico.

O artigo **Reflexões iniciais sobre Sensibilização com/na Natureza em contextos educativos da Educação Infantil**, desenvolvido pelos autores Maristela Zanette e Marcelo Gules Borges, aborda a urgência da crise ambiental contemporânea, citando enchentes, perda de habitats e aquecimento global, e a necessidade de repensar a relação entre os seres humanos e o meio ambiente. A metodologia se estrutura na análise da visão histórica da Natureza como recurso inesgotável, explorado pelo modelo capitalista, para então propor uma mudança de paradigma e introduzir o conceito de Sensibilização com/na Natureza, destacando seus fatores condicionantes para a prática

pedagógica. Os autores identificam quatro fatores cruciais para a aplicação dessa abordagem na Educação Infantil: a formação continuada dos docentes; a organização dos espaços físicos e o conceito de desemparedamento; as materialidades pedagógicas utilizadas; e a inserção de brincadeiras e brinquedos com elementos naturais. Eles concluíram que a Sensibilização com/na Natureza é um elemento fundamental para fortalecer vínculos de pertencimento, cuidado e respeito ao meio ambiente. A incorporação gradual desses fatores no trabalho pedagógico pode sensibilizar a comunidade escolar na construção de princípios voltados à preservação e conservação da Natureza para as futuras gerações.

Greg William Misiaszek, Jannatul Mawa, Michaela Ensweiler e Allan Muganga são autores do artigo **Ecopedagogy Work for Planetary Sustainability: Ecopedagogical Teaching and Research in Diverse Local-to-Global Contexts**, onde analisam 11 projetos de ensino e pesquisa provenientes de diferentes países. Os projetos analisados empregam a ecopedagogia de base freiriana e os letramentos ecopedagógicos para promover a práxis dos estudantes. As conclusões destacam que a ecopedagogia é essencial para promover o "encurtamento da distância entre mundo e Terra", integrando o bem-estar humano à sustentabilidade planetária. Os autores enfatizam que a transformação socioambiental eficaz exige uma educação que transcenda a mudança individual em direção a uma agência coletiva e sistêmica. Além disso, o trabalho reafirma a necessidade de epistemologias diversificadas para enfrentar "problemas perversos" globais, como a crise climática e as desigualdades sociais, promovendo uma justiça socioambiental globalmente inclusiva.

No artigo **Educação Ambiental Crítica em tempos de colapso: resistências à lógica do capital e anúncios de futuros sustentáveis** Ana Carolina Duarte Nunes, Maria Eduarda dos Santos de Sá da Silva e Alana das Neves Pedruzzi se propoem a investigar o conceito de Educação Ambiental Crítica (EAC) enquanto uma possível ferramenta de enfrentamento da realidade socioambiental e da crise climática. Partindo da exposição de sua trajetória histórica e vertentes teóricas, buscam viabilizar caminhos capazes de articular o campo às mudanças climáticas que se acentuam. A fim de atingir tal objetivo, a pesquisa parte da seguinte questão: “O que é Educação Ambiental?” e se estrutura em três eixos principais: definição e finalidade da EA; historicidade da EA e suas vertentes ou macrotendências; e, por fim, a Educação Ambiental Crítica e suas possíveis conexões, nas quais se articula como ferramenta de combate às mudanças

climáticas. Foram utilizados como principais autores Marcos Reigota, Philippe Pomier Layrargues e Carlos Frederico Loureiro, os quais oferecem bases teóricas para compreender a EAC enquanto mecanismo de emancipação e transformação da ordem vigente.

Com essa breve apresentação considera-se que, mais do que reunir produções acadêmicas, esta edição busca fortalecer espaços de pensamento crítico e de criação coletiva. A Revista Ambiente & Educação reafirma seu compromisso com a circulação de conhecimentos comprometidos com a pluralidade de saberes e com a construção de futuros sustentados pela justiça social, ambiental e cognitiva. Que os textos aqui apresentados possam provocar inquietações, ampliar diálogos e inspirar práticas educativas capazes de cultivar outros modos de ser e estar no mundo.

Desejamos uma boa leitura!